

selado primeiro

sabes o acalanto
quando teu canto
paciente espera
o Sono?

tu, ó o Selado, teu selo, roubaste-o
da queda, privaste de ser a pura
espera o sono, tu, ó o Selado,
teu canto

selado segundo

ó o Selado, teu sêmen
inflamável, teus olhos,
teus olhos, Selado, dirige-te
às sombras das esquinas
de teu olhar tomado
pelos fins do fogo, tu,
ó nome dos selos;

convirá a ti a beleza
em tempos de queimar
as pálpebras?
teu canto

selado terceiro

emparedado em teus vitrais,
Selado, nomeavas a
vértebra; apontavas
e dizias

eis aqui os poros

apontavas e dizias

eis aqui

ó o Selado, atravessa-te
a vértebra na vértebra,
teus vitrais

selado quarto

és Selado pela cera
extraída, gota a gota,
da raiz dos teus
cabelos – de ti extraíram
a cera;

cantaram os pássaros
destas ilhas:
és tu o Selado

selado quinto

há severidade no claro
dos olhos, Selado, o
branco é em ti o
canto dos homens,
ó o Severo, envias
a pele, aquieta-te;
sustentas na postura
o sono menor, a sede,
a seiva do canto

selado último

Selado, ó o ventre das
águas, tua dança das
quedas, ó o Selado, a doença
das serras, o mal dos lábios,
chorar-te: desaguar teu
nome, tua dança

encontro do desterro

fiz-me cego ao cansaço
a que pretendes instruir;
saberias, se fitasses
os olhos vazados e
te fizesses digno a sustentar
o olhar, odiar de frente,

mover teu sangue,
sussurrar o grito
último, enfeitiçado;

saberias então que
fiz-me ainda surdo
à súplica de tua instrução

cantos dos ciclos

folhas e ângulos
assinalam em ânfora
a vertigem, vaga à
visão do líquido,
esquivo habitante seu

esperam animais sobre
pedras, caminhos vazios,
saltos de santos, escapes
em dupla verticalidade:
quedas, esperas

aos répteis é
familiar o toque
do puro calor

efeitos e sinais por
caminhos em pedras e
ranços de sopros por vir

visões animais
repousam sobre pedras

os cães se dão dois luxos
ladrar aos passos,
calar ao olhar

jamais reconhecerás um cão
por seus olhos de lábios
silentes

não há silêncio
possível num
cão senão como
luxo e tótem

embruto em névoa,
já não há dissolução

constela entre dedos
as vozes colhidas,
enlutadas pelo
tempo de temer

em terra escorre
e expele a noite,
nos olhos o berço
em terra escorre

insinua-se outro dia,
simula estadia, sôpro
e residência a vespa, vértebra
soprada por seis agulhas
marcadas por três cores
de uma quinta estação

sabe cantar, a cor rubra espalhada
pela brisa tardia do bem-te-vi;
todavia peregrina a permanência
envolta em sopro de estiada

eles, do trepidar, da escuridão,
que neles veste a escassez e
o ranger, eles,
a escuridão, neles
verte o trepidar de verter

lençóis em paisagens
do calor redescoberto;

nos duplos desfiladeiros,
os cantos os demônios
aos pares os pares

lençóis a chamar o nome,
a vaga contra os pés da manhã

vespários, o calor da
face lida se o vento

soltos os lençóis em nuvens,
fôra meio-dia esta hora

xales enlutados suspendiam,
lunares, linhas nas calçadas

colares pendulares alastravam
línguas no lodo do piche

levitavam os curingas
dos baralhos, inscritos
nos rostos dos homens

longo o pulso
sobre o salto estalam
as brasas do dia

finda a entrada,
as forças do Sul

esperava sobre pedras choradas
pelas noites de torrente

roubava o vento – se vindo -,
sonatas suntuosas ao rasgo
das persianas;

abisma a embarcação solar
e os ventres esfolados como
a terra que devora,
esfolados como o
lábio da sereia

esperava pelas torrentes,
noites sobre pedras

dobrejo e salto plantas
e planto saltos, vejo
enfim as móveis peles,
os dados jogo sobre
raízes do teu hábito

faz noite do teu olhar
que teu hábito troveja

luz do dia
suas armas

lençóis cessam o ondular,
à vergonha o som
enlunado pela luz

porque correm os olhos
murmuram cataratas
pelos dedos do peão
povoar os tijolos
trapaça da construção

guizos em coleiras para os fugitivos:
rotas de fuga vibram nas paredes
sonhara-se escavar o mundo a colheradas

fugitivos
balançam estrada

tal se fazem reis, subiam
encosta – toras de neblina,
torsos revoltos – subiam
encosta, tal se fazem reis

loucos de espera,
eles nevam:
rostos de neblina,
tal se fazem reis

fúrias de granizo povoam percursos:
sentar-se, beira de abismo;
enteso, tecer estrada

ao longe
nuvem desova

silêncio: outras
patas pisam o
passo do mamute

és do vento, órgão,
narinas, és órgão,
cala, turva o vôo,
és órgão do vento

se és hora dentre horas,
oculta em calços a limpidez
de enseada, lembra:

nomeio-te ao meu lado
a voz do flanco é que te fala

puxo-te os cabelos
à expiração

soube ser
vedado ao sulco germinar a terra,
brotar o cravo e o vôo, ampla
a vara para a carne estanque
do vulto, enfermo o sol da seiva
recolhida

dura o ferro ao toque
se da mão é feito o nome
da pedra, afeita a seta
ao sopro do sono do barro

recolhe-te;
és órgão do sono

os rotos cravos ensaiam batalhas
arrancam da terra o que nada é
senão nada de terra
extraem em batalha
esquecimento de terras da terra

os cravos se deslocam em cravários
oráculos de sonolência, retidão vegetal

vestisse sementes; temente a seu fogo,
por votos legasse a pele sovada,
sonata em talhos, os lábios mordesse,

solfejo torto, a outro anjo serve, já
soubesse a espera, temente a seu fogo,

quicá recebesse o sol vestido em pedra,
soubesse a procuro e ao sopro tornasse o sono

quieto, és órgão da queda

semear a água, que venham
à pele é tempo de plantar
faíscas lavrar o olho
e o broto da queda

semear a água, que peçam
à sede é senso de soprar
miragem sorver o nulo
e o canto da queda

cheiro o caminhar
de um santo,

mata cerrada
batizada rapina

não houvesse o salto
em sonhos ou tempos
despertos tempos
sóbrios ou tempos
ébrios não houvesse
o salto inverso

mastro, teu dedo,
uma vela, o gesto

evita o chão,
és órgão da queda

que o vento sopra
o gesto, difuso em
dedo; rompeu-se a
vela e saúda o sol
o puro mastro

do chão a perda
murmura o resto
sacro do tempo;

nos rastros, o encontro
do animal partido;
fugitivo sorri para
perseguidor

o evento de teu pulso
é vitória do ar sobre ti:
rasgo sobre o solo

chove; és
órgão do vento

esta noite o vi,
ele caminhava;

desfez suas vestes,
costurou-se, dourado

lá vai o leve e seu canto,
sua morte ao seu lado

lá vai o leve, seu canto,
sua morte ao seu lado

desfez suas vestes,
costurou-se, dourado

celebras teu sorriso maltrapilho,
a ceia do sol, escavas, moldas
a veste da solda nos ranços,
emparelhas os sulcos para o
brilho, malgrado o ventre no
silêncio de flor e de vôo

o evento de teu pulso
repousos da queda

sétimo é o instante
escolhido por posturas
do vago espelhar das
vestes que retiro em
tua honra, ao tempo
de pedir tua espera
por posturas do preciso
arrancar das vestes que
fizeste tuas para o
sopro das estações

nove esperas,
invocações e cantos,
cantos e invocações

engulo a dança,
sou nove esperas,
cantos, invocações

assim canta a tarde

quatro, os elementos,
voz, sombra, queda, tempo –
quatro, senão o vento

esqueço o passo dado,
chamo a este corpo
dias de febre;
esqueço o passo desferido
como um nome dado aos
dias de febre
se o passo esquece

tender para fora;
na mão o canto
a pele estende

recomeçar, o vento
varre as marcas
da terra no tempo
de sempre

recomeçar, o vento
traz as marcas
da terra no tempo
de sempre

recomeçar, o vento
cunha na terra
as marcas do vento

o passo é lento,
fuga para dentro,
no leito o casco

maiores os quartos
para o claustro,
a água, a torrente

como um punho cerrado,
o punho se vê nas horas
não contadas, como uma asa cortada,
o punho nas horas
um punho cansado

lavrador em sombra

sem mordeduras, torniquetes e enforcamentos para murmurar este poema. há aves e pó grudados na armadura destes órgãos. calaria se escutasse o revoar das asas. nadaria pelos tubos que estourei revelando à terra as crateras que escavava à custa de minhas unhas. eu pude morder e enforçar, pude cortar os dedos mortos, enviar-lhes meu braço arrancado, repartir meu corpo e dá-lo a nada e ninguém. meu sacrifício raivoso para o vermelho sob meus olhos.

mas é outro este tempo.

é tempo de nada de sangrias,
nada de sol, nada de canto.
parado frente às mãos (não há página). não há página.
não há solo virgem e
não há pés de vertigem.
caminho oleoso sobre o solo adubado pelos mortos de meu corpo.

voz agora: havia seivas em cantos velados, mas nos dias selados
havia a caiação das pedras. ouviste a tinta em dedos velados?

selar e velar ainda é pouco para a desmedida destas mortes.
selar a candura das mãos que velam. selar a candura e aferrar-me,
rasgar meus punhos na pedra. resido sobre as pedras, minha garganta exangue,
língua mineral que revolve: sob ela, há insetos nomeados

vertigem beatitude espera
luto vitrais sono acalanto
vaguidão os lábios esfolados

a serpente que agora sou, minha língua bifurcada sobre a qual residem animais maduros
animais que sou quando esqueço minha índole mineral,
meu rancor pelas esperas, minhas estações veladas sob a terra,
a inclinação vegetal de meus ventres (tenho-os múltiplos) quando nada sou senão
osso endurecido e quietude. doei-me à carne lamacenta que recobre o osso e a quietude.

instalei-me sobre meu crânio, e sem náusea observo o banquete dos vermes: a própria
certeza da morte é por eles digerida.
sustento-me, aconchego-me no ombro da queda.
nada morderei neste canto. ofereço-me; minhas mãos, raízes para fincar na terra destes
olhos cegos. narro minha voz exilada dos pântanos. sou um homem de esperas. escrevi:
nas lâminas nosso nome, e ainda: alio-me à cegueira da lua vidente, e penitente afio a
lâmina, talho a pureza do tronco, negro e douro o ar com sede e sumos. digo que sou um
homem de esperas e de lâminas

e de lâminas

ou antes: homem de talhos. meu sangue é minha sede, homem de esperas. é preciso
terminar, oferecer às árvores meu apodrecimento, cobrir as sementes; sou um lavrador
triste, e com minhas mãos tristes semeio e colho e devoro,
alimento-me de olhos baixos para melhor ver os insetos em meus pés, nomeados dentes,
tripartição do útero, bolor dos passos.

é ambígua esta vertigem.
erijo-me pedra e serpente.
desfio a pele e costuro-me,
dourado, chicoteio a terra
e escavo as feras, abandono-me
e abençôo a minha espera desabrigada.
renego as mortalhas, e as renego por portá-las sobre os ombros.

minhas mortalhas lambem o chão enquanto caminho, enquanto danço para os insetos; e
digo insetos, digo moscas, besouros, fúria alada, gralha nos pulmões; mesmo as aves
rastejam, suas asas em meus dedos,

lavrador em sombra

cantos para velar

I
que não se furtem
as flores a velar
o corpo inerte
nas torrentes

II
que esta dança
venha a velar
o olhar imerso
em beatitude

III
perdidos, velávamos
os cantos cindidos
das torrentes

IV
velado pelo fogo
na promessa
de saber-se pele

V
velar-me se me
desfaço e traje
novo canto

VI
enegrecido velar
de paisagens de
cadentes frutos

VII
água para velar
tornada dança
sorvida em
cantos do velar

VIII
e ainda cantos
para selar a
miséria de velar
este sol ausente

IX

velar a desapareição
do sol e o medo
e fazer-se negro
de celebrações

X

garganta aberta
para rouco velar
a água da queda

XI

para apenas quedar
velado esta noite
enredado em lençóis

XII

e ainda a seiva
chorada por rasgos
vela esta noite

XIII

as sementes pesam sobre
ti, tu que velas o
escorrer das águas

XIV

as veias cortadas
para a espera
exaurida do velar

XV

as veias rasgadas
são velar da
miséria de selar

XVI

e nas veias
a estadia
da mancha
de velar

canto para velar

velaremos enquanto pesar
o ar, afeitos ao chão,
nosso peito, nosso forte,
nosso recanto para velar;

velaremos, à espera dos
vales, à espera do tempo
de mais velar, guardaremos
o sangue e o ar,

velaremos, mas nosso
canto ao velar não bastará,
afeitos ao chão, à espera
dos vales, dos tempos de
mais velar

cantos turvos

tua agonia antes de marcar
à pedra horários turvos e
equivocos no corpo da passagem
do que escorre ao quebrar
o que escorre ao vibrar das
folhas atingidas por tua
agonia antes de marcar à
pedra o corpo da passagem do
que escorre ao vibrar das
folhas atingidas pelo quebrar
da tua passagem em agonia
antes de à pedra vibrar antes
de à pedra quebrar os horários
turvos horários equivocos
antes das marcas antes das folhas
tua agonia antes permanece

chamarias o juízo do anjo sobre tua terra?
escavarias em teu ventre a raridade de teu canto?
rasgado te chamaste tu em brasas

se aqui repouso o osso
é da carne o rosto
da reverência plena
dos pulmões talhados
e as vestes sorvidas
que ora entreabro,
repousado de quedas
e vigílias, volúpias da
carne macerada,
do excesso destas veias

o pássaro sem canto
gestava e celebrava,
rendido, apedrejado
pelo orvalho, pelas
cinzas ceifadas da
inocência do lírio

tempo de escavar a terra dos punhos,
remover das veias a cor da flor primeira
cor restante de queimadas; embevecida,
reside no corte dos espinhos • das sementes

amanhecendo uma costela
retive o corte da semente

de cócoras pensei ouvir este murmúrio e
à terra entreguei as cinzas
dos olhos incendiados,
retalho as pragas e semeio
as fontes, e se resta o apelo das margens claras
e dos rasgos que me adornam,
alio-me à cegueira da lua vidente,
penitente afio a lâmina,
talho a pureza do tronco,
negro e douro o ar com sede e sumos.

desgarrado, o olho em sombra,
despedaço e arranco – minhas mãos,
minha fúria – as folhas deste invento,
desta visão em sombra, meu jardim
velado, minha névoa abortada, meu
câncer perene, o incêndio das tardes;

rasgado, desgarrado,
envio-te meu braço arrancado,
celebro o amor e sua fome,
o amor e seus covis sujos,
sua pele oleosa, como
um animal, viscoso me enrosco

relutas em beijar as serpentes,
os infinitos dentes que enegrecem em ti
remarcas as aves, seus pousos,
traças a giz o cume da queda
o zênite avesso a linha em pedras,
os alvos para travar a mandíbula,
apertar ao fim das fibras,
remexer a terra revolver a lama
escapar dos deuses replantar as pragas
os infinitos dentes que enegrecem em ti

a mão esquerda, do segredo e do sono,
repousa sobre os talhos; os caminhanes
e seus jejuns sem fim, seus espasmos,
as mortes raivosas dos caminhanes,
suas sombras, o rumor dos seus passos,
sua habitação pelos dedos,
os tentáculos de sono e segredo
do animal que dorme à esquerda

aviltado pela lama,
renego-me e atijo
a brasa com meus pulsos,
cão maior erijo-me,
renego-me, alimento-me
dos fungos, broto
como a velhice,
como a recusa, como as pragas;
florescência destas veias

procuras teu canto e teu lume tateia
o fruto estilhaçado contra as cinzas,
a efervescência das raízes,
o canto reverso da queda velada
queda reversa em que cantas
raízes, efervescência nas águas
do fruto estilhaçado que
teu lume tateia

sonhei que arturo tocava
bandônion enquanto suas
mãos de flor acariciavam a
morte enquanto arturo
tocava bandônion

e nas lâminas nosso nome
e nos trilhos nosso nome
e emparedado nosso nome
e novamente pó nosso nome
nos cancos; nas sedes,
na vileza na vileza,
na perfídia nosso nome

a pele inversa que vos
apresento em penitência
revolvida e devolvida
à terra batida e
relavada pelos
buracos de lama,
silêncio nestes gestos
do amor desesperado

é este o homem dos ventres.
telúrico e secular,
é olho fixo do vento,
olho móvel do fogo;

sabe-o o toque vegetal.
homem terroso, por sal e
barro revelado, salteador
de todos os cantos;
homem terroso, de lágrimas
longamente gestadas, teu
choro nascido já sepulto,
teu soluço já afogado emergido;

homem dos ventres, responde
pelo touro que transpira por
teus poros, que funga por
tuas ventas, vagueia
pela terra, a crosta em
teu ventre, touro renovado
pelo caminhar felino,
é este o homem dos ventres,
terroso, telúrico, secular

rasurada a escrita de minha carne

é solitário o rasgo na pedra

e conheceria a dor
de rasgar este pano;
as testemunhas da nudez velada
aqueles que velam cegos
o rosto da reverência
dos pulmões talhados
repousados de quedas
e vigílias

jorrávamos, gasosos,
da canção vespertina,
entoada por gigantes,
memória deste nome –
a canção

entoados, sustentávamos
o corpo do inverno;
nevávamos, somos canção

despida a queda, emparedado
nas lâminas, rasgado de
dores e velados suores,
queda inútil da servidão à pedra

é o cultivo das asas
na terra; é o escavar
com lanças, o disparo
das flechas contra
as costas da terra,
a ferrugem do sangue da terra,
do corrimento das flores no húmus,
a nutrição das pétalas,
o cultivo de asas.

com mãos de lua,
tomaria-o, pai,
em meus braços
e dedos de sal

da voz grave
do tempo maior
conheci chamadas
em meu nome

grunhir até
que não haja
animal senão
os rastros

nas revoadas
despeço-me

sigo o pesar das pálpebras
e o calar deste recanto
volverei a lugar algum
em estações de altares
nevarei sobre a vela
choverei sobre a dança

sereno, desfruto o gesto;
reviro-me, revogo-me
em trompas e flautas

sufoco os olhos
entalho-me

em revoada
despeço-me

homem terroso nos matos,
vidente de pedras, norte do barro,
flor do ferro, nome do pó,
homem do sal;

evita sobretudo as pedras
nesses claustros; nos teus olhos
a pele é tormenta de círculos

nos olhos já havia
uma clara geografia

és homem terroso,
filho do sal,
vidente de pedras,
flor do ferro,
nome do pó

serás irrequieto e soerguido pela lama,
desvelado e revelado pela fonte ébria

tu não tens fome,
abatido de volver
a si, remover os
ossos; tu não tens fome,
inunda-te a vespa
de tua fome ausente,
teus frutos serão
a ti negados, que tu,
tu não tens fome, és
homem de intempéries
e tormentos secos,
viandante que és

ana rodava e escurecia
os olhos, nossos olhos
escuros para tocar
a luz e nos sabermos
imensidão e pele.

cantos táteis

testai vossos sexos,
ó filhos do abutre!

luz e voz no ventre
que elegeste para ti
sobre a terra, o que a ti
o canto nega, em treva
o valete enegra,
que seria de ti sem
o marulho em tua queda
o tremor em tuas unhas
neste recinto
revoavam as bandagens

vergado, pressinto e torno a negar o pranto raivoso
indico a porta principio e esvazio o riso
de minha permanência
a envergadura dos braços dos poros
carrego a vértebra do sal

entulho é a vertigem de meus bens.
da servidão à pedra é nascido nutrido
vergado rugido o velho canto, do canto
rouco é feita a saída do selo, o imenso
corpo do aço o corpo da queda a pedra •
bruta deste selo o ferro neste selo e
a esquiva dos ares, canhestra rota
testemunha dos dias para a miragem
e os cantos rasgados da noite
os nomes do sono, os passes de serpente;
leveza das manhãs em que escalo o choro
chorar teu nome pela mansidão dos jardins
em que guardávamos a fúria de saber-mo-nos
exaustos e lívidos, serenos, mínimos, avessos
à leveza; somos fúria de saber os nomes do
sono, deste ar roubado, do braço quedado.

todos manchavam suas peles
com os animais à espreita;
era sereno manchar a pele
e escutar no verbo do vento
a palavra serpente.

mandavas ao olhar
alheio à tua voz
cartas em branco.
não saberias da leitura
de teu silêncio.
sorririas pela breve luz
branca luz enluarada
em teu nome aberto;
havia um demônio
ao meu lado e
destilava febres.

pintávamos nosso forte
sabíamos das pragas o nome
e celebrávamos a clausura
errática as entradas
da morte a vertigem
lunar e vertíamos
nosso fígado nestes
órgãos do sono
nos abutres desmedidos
na baixeza dos dias
nos cantos lunares

e o sulco do gesto
enquanto me devasso
e atravesso a rouquidão
armado e reverso
amolo as lâminas
deste invento;
as danças que sonhamos.

caiei minhas mãos na partilha
do sangue e do suor

eis-me em pedra;
sou a vela regida
em teu manto

qualquer nobreza da fortaleza desenhada sobre a unha.
qualquer nobreza da vileza última dos dentes descorados
pelo sono branco de revoadas, e a espera, o ventre agora
abençoado, o riso mínimo em ruas forjadas por ferreiros
de pranto e sal. linearidade do sal sobre os olhos.
a queima dos ventos, o ponto rubro do olho vidente.
a virtude mímica do esquecimento.
é bélica a entrega. vidente.

nos pólenes, sonhávamos a dor.
rude é o passo, mineral é
o encontro com a vertente
rubra, a testa e os entes mais
suaves, o passe de serpente.

rendamos este tapete
para ornar o peito e
costurar os selos,
sorrir para nossos
flancos frágeis e
canhestros, somos
névoa silenciosa sobre
o chão casto e celebrado
por nossas testas
inquieta, pela redenção
de nossas brasas
inquieta de vento frio,
costuradas em nossas
malhas, nossas cabeças
que exibimos para
as bandas, para as
bandas funéreas nossas
cabeças gotejadas
do olho do mar revolto
de nossas malhas, agora
silentes e rastejantes,
nós, os silentes.

cantos severos

Severo é meu nome,
Severo e bendito de
prantos e lutos,
de lutos sobretudo,
eu, Severo e sereno
em meu chicote
manchado de pele, eu, Severo,
que unicamente macero
as costas que carrego
atrás de meu peito
dourado e virulento,
casto e sacrificado
às costas que sustento
e macero, eu, Severo,
eu, sereno em rasgar
e talhar, eu, sereno
Severo, homem de
costas maceradas.

sem cantos lanço-me à fome.
eu e a fome caminhamos pelas
fibras, escalamos as pedras,
eu e a fome sem cantos travamos
aliança penitente, sem armas
caminhamos, erguemos nosso
pranto e sussurramo-nos:
eu, a fome.

nutrir as sombras, eis a índole
desta pele, eis o nome dito
da fúria e do resfolegar sereno,
vidente em caibros e guias.

tu, que te acreditas
irrecusável lavrador
escuro de quedas
e impensável em
vaguidão e errância
em salto solitário
por sobre os ventres
que remarcas.

grito na voz grave
do rio de serpentes
na voz grave de
mais suaves rapinas

nos mananciais de minha voz, resguardo-me contra as têmeoras
do solfejo seco e andrajoso em minha pele; sustento-me sob
a água. em meu canto há deuses em meu canto.

agora olhar e quietude;
observamos silentes a
queda, em nossos olhos
quedamos, díspares.

pelas mãos, em círculo.
as frestas de cor sem armas.
pelas mãos, em círculo.
com os olhos envidraçados
e raivosos. em círculo.
e assim novamente e sem
esperas. homem de dentes
cerrados e plantados em
espera. os olhos envidraçados
e raivosos. homem de sal
plantado, seus olhos raivosos.

o livro das ordens
para a queda. a disciplina
da cólera e do vôo.